

Família e vida urbana no cotidiano da América espanhola colonial: Cartagena de Índias no século XVIII *

Pablo Rodríguez^{**}

Nos meses de maio, junho e julho de 1777 os comissários dos bairros de Cartagena, cumprindo ordens do vice-rei don Manuel Guirior, realizaram o primeiro recenseamento de sua população. O documento que resultou da visita e contagem dos moradores de cada casa se compõe de 356 fólhos e se encontra depositado no *Archivo General de la Nación*, em Santafé de Bogotá.¹ As listas nominativas ou mapas de população dos bairros são peças sumamente ricas em informações sobre a vida social da cidade, além de serem documentos de valor estatístico indubitável. Na quantificação da população de cada bairro da cidade foram aplicados os mesmos critérios de registro da informação, variando somente o desenho das colunas para a indicação dos dados. Do mesmo modo que a maioria dos recenseamentos populacionais hispano-americanos da época, o de Cartagena procura registrar o nome de cada pessoa, sua idade, ofício, estado civil, sua qualificação e sua relação com o chefe da casa. Excepcionalmente a lista ainda indica se as casas possuíam um ou dois andares, se uma pessoa padecia de alguma doença especial, se o marido de alguma senhora estava fora, em viagem, ou se o proprietário de alguma taverna vivia em outro bairro.

* Versão preliminar deste artigo foi apresentada na *IV Conferencia Iberoamericana de familia*, Cartagena de Índias, Colombia, 1997. Tradução para o português de Ronaldo Vainfas, com assessoria técnica de Sheila de Castro Faria.

** Professor do Departamento de História da Universidade Nacional da Colômbia (sede Santafé de Bogotá).

1. *Archivo General de la Nación*: doravante AGN. Lista do bairro Getesemaní: AGN, *Censos varios*, vol. 8, fls. 75-134; Lista do bairro São Sebastião: AGN, *Miscelânea*, vol. 44, fls. 945-957; Lista do bairro Santo Toribio, AGN, *Miscelânea*, vol. 41, fols. 1004-1079; Lista do bairro Nossa Senhora das Mercês, AGN, *Censos varios*, vol. 8, fls. 132-164.

Em 1777, Cartagena estava dividida em cinco bairros: Nossa Senhora das Mercês, Santa Catarina, São Sebastião, São Toríbio e Getsemaní. O mais populoso dentre eles era o de Getsemaní, que reunia 4.072 pessoas. São Toríbio possuía 3.163 habitantes, Nossa Senhora das Mercês, 1.611, e São Sebastião, 1.608. Infelizmente a lista do bairro de Santa Catarina se extraviou e ninguém conhece seu paradeiro. Santa Catarina devia ter, então, cerca de 2.500 habitantes e era berço de boa parte da elite *criolla* e *peninsular*² da cidade e nele também viviam perto de 250 artesãos dos mais variados ofícios.³ A cidade, no conjunto, abrigava pouco mais de 13.000 almas.

Em Cartagena floresceu uma das arquiteturas mais esplêndidas de todas as cidades hispano-americanas. Além das construções religiosas e civis, situadas em bairros como Santa Catarina e Nossa Senhora das Mercês, mais da metade das casas era composta de dois andares ou, como se dizia à época, eram “casas de sobrado”.⁴ Os dois níveis dessas casas estavam ligados por uma escada e cada andar era formado por um conjunto de quartos ou alcovas que davam para um corredor. Nesses bairros também existia um tipo de casa mais modesta, própria de comerciantes e de médios agricultores, uma construção plana, chão de pedra, teto de telha de barro, com três ou quatro quartos que faziam um L ou U ao redor de um pátio único.

Nos bairros de São Toríbio e Getsemaní a casa comum era de um só andar, composto por uma ou duas alcovas e cozinha. As moradias mais pobres eram cabanas com paredes de pau, palhas ou canas e teto coberto com folhas de palmeira. O espaço dessas casas estava diretamente ligado ao tipo social de seus habitantes. Nas mais estreitas, que eram as da gente mulata e negra, viviam menos de dez pessoas.

Nesses bairros proliferou um tipo de casa peculiar: uma edificação ampla com subdivisões que chegavam a conformar vinte ou mais quartos. Ali viviam negros escravos e libertos. Perto desses casarões, não devemos esquecer que ficavam as casas do cabildo das etnias carabali, luango, fofó, arará, mina, lucumi e chalá.⁵

Nas casas de São Sebastião e Nossa Senhora das Mercês, conforme o tipo de construção, chegavam a morar até cinquenta pessoas. Tal fenômeno foi freqüente na segunda metade do século XVIII, quando distintas famílias brancas recém-chegadas optaram por alugar quartos.⁶ Um caso pode servir de exemplo para ilustrarmos melhor

2. Na América hispânica do século XVIII, *peninsular* era expressão alusiva aos espanhóis moradores nas colônias, ao passo que *criollo* era expressão reservada, em regra, aos brancos descendentes daqueles, ocupantes de posições sociais elevadas (Nota do tradutor).

3. Com relação ao bairro de Santa Catarina existem dois documentos muito interessantes: ‘Lista de los artesanos que se comprende el Padrón General del Barrio de Santa Catarina Año de 1789’, in AGN, *Censos Varios*, vol.6, fols.615-619; ‘Relación de los Yndividuos del Comercio de España y del País que existe en esta Plaza, con expresión de sus Dependientes, casa y calle de su habitación ...’, in AGN, *Censos Varios*, vol.6, fols.77-78.

4. Casas de sobrado é o equivalente em português de ‘casas de alto y bajo’, em castelhano no século XVIII hispano-americano (Nota do tradutor). Sobre a arquitetura doméstica de Cartagena, cabe dizer que foi uma das poucas estudadas em detalhe no vice-reino de Nova Granada. Cf. os livros do arquiteto e historiador Germán Telles, *Arquitectura doméstica en Cartagena de Indias* (1984) e *Casa colonial: la arquitectura doméstica neogranadina*, Villegas, 1985. Cf. também o livro clássico de Enrique Marco Dorta, *Cartagena de Indias, puerto y plaza fuerte*, 3. ed., Fondo Cultural Cafetero, 1988.

5. Cabildo étnico era uma espécie de “irmandade” oficiosa dos negros de Cartagena, associação entre os africanos provenientes de uma mesma etnia procuravam se associar em solidariedade e ajuda mútua. Em algumas cidades eram organizações clandestinas ou semiclandestinas. Trata-se, no entanto, de assunto que ainda não foi devidamente pesquisado pelos historiadores.

6. Esses quartos chamados *asesorias*, que hoje se grafa *acesoria*, em castelhano, eram cômodos anexos à construção principal, com entrada à parte, geralmente alugados, na época, a famílias pobres, mães solteiras, mulheres idosas, forasteiros e, especialmente, artesãos. De forma geral, esses quartos de artesãos possuíam uma janela e uma porta que dava para a rua.

este ponto. No andar superior de uma das casas da rua Nossa Senhora das Angústias, do bairro de Nossa Senhora das Mercês, vivia o presbítero don Joseph de Mendoza em companhia de sua irmã Eugênia, assistidos por seis escravos de ambos os sexos e idades. Neste mesmo andar vivia o irmão dele, um arrecadador do “direito de sisa”⁷ da cidade, don Felipe de Mendoza, com sua esposa, quatro filhos e três escravos. No primeiro andar vivia o oficial da contadoria, don Joseph de Paz, com a esposa, dona Tereza de Mendoza, irmã daqueles, mais sete filhos e dois escravos. Num corredor lateral do andar morava dona Melchora de Paz, irmã de dona Tereza, abandonada pelo marido, mas acompanhada de cinco escravos. Num canto ficava a alcova de uma mulata já velha, sustentada pelo filho José Olivo, alfaiate, acompanhada de uma mulher de trinta anos e de uma criança exposta que haviam recolhido algum tempo antes. Mais ao fundo ficava o quarto onde morava o mulato Anastácio Galindo, carpinteiro, com sua esposa e uma filhinha de oito anos. Um último quarto era utilizado por vários comerciantes como depósito de mercadorias. Nesta casa, que não era excepcional em Cartagena, conviviam 41 pessoas brancas, mulatas, pardas e escravas. Conformavam seis famílias, cada uma com estrutura distinta, várias de origem muito próxima e outras simplesmente agregadas a esta grande comunidade doméstica.

Como foi observado anteriormente, o número de pessoas que habitavam as casas de Cartagena variou substancialmente. Foram as casas principais as que albergaram o maior número de pessoas. Também foram as casas centrais de cada bairro, onde se alugavam quartos, que chegavam a albergar grupos de mais de quarenta pessoas. Em Santo Toríbio e Getsemaní havia casarões que também reuniam grupos numerosos de pessoas. No entanto, o comum era que numa casa de Cartagena residissem grupos de menos de dez pessoas. Cerca de 33% das casas eram habitadas por uma a cinco pessoas e outros 33% o eram por seis a dez pessoas.

O padrão de moradia em Cartagena em fins do século XVIII tendia à unifamiliaridade. No bairro de Nossa Senhora das Mercês, que possuía 160 casas, 46% eram habitadas por uma só família, 48% por até três famílias e 6% por até onze famílias. Em São Sebastião este padrão era menos acentuado. Havia ali 219 casas, das quais somente 28% eram ocupadas por várias famílias. A residência de uma só família em cada casa se fazia mais forte nos bairros mais modestos e pobres da cidade. Este fato estava relacionado ao tamanho das famílias de Cartagena. Ainda que prevaleça a idéia de que no passado todas as famílias eram numerosas, valeria a pena precisar sua real dimensão. O número médio de habitantes por família era de 3,9 pessoas, o que significa que a maioria dos fogos estava conformada por um casal com um, dois ou três filhos ou por uma viúva e um filho. Certamente que havia famílias numerosas que se compunham de dez a quinze pessoas. Mas esses eram casos raros e quase sempre correspondiam a famílias brancas residentes em São Sebastião e Nossa Senhora das Mercês. Tudo leva a crer que as famílias de mulatos e negros viam reduzir sua prole por fatores muito diversos, que incluíam a mortalidade infantil e também a condição emocional de suas vidas.

Conforme as listas nominativas estudadas, em Cartagena havia 2.300 fogos que possuíam estruturas muito variadas. As formas desses lares possuíam características que merecem um comentário específico. O traço mais notável é que 60% desses fogos possuíam um estrutura nuclear, quer dizer, tinham ou tiveram sua origem num

7. Direito de sisa: imposto sobre comestíveis, isto é, sobre o abastecimento da cidade (Nota do tradutor).

matrimônio. Destes, os casais com filhos eram os mais numerosos (40%), os casais sem filhos, 10%, viúvos com filhos, 2%, e viúvas com filhos, 8%. A maioria dos habitantes de Cartagena no século XVIII vivia em um grupo de parentesco restrito. O lar extenso que reunia três gerações, incluindo tios e sobrinhos, era limitado. Este tipo de fogo representava apenas 6% da cidade, índice que contrasta com a imagem habitual da família de Cartagena do passado: sagas familiares que reuniam avós, pais, netos, bisnetos e tias solteiras.

Um tipo de fogo que surpreende é o formado por pessoas solitárias ou que não tinham vínculos conjugais ou de paternidade. Esta modalidade familiar que chegou a ser pensada como típica das sociedades pós-modernas, alcançava 26% do total de lares na Cartagena do século XVIII. Os lares de solitários estavam quase sempre formados por dois irmãos ou duas irmãs solteiros ou, ainda, por duas anciãs que viviam juntas, por uma anciã e uma escrava, ou por pessoa que não possuía nenhuma companhia.

Outro tipo de fogo que sobressai no caso de Cartagena é o constituído por várias famílias. O grupo doméstico polinuclear ou múltiplo quase sempre é associado com o *inquilinato*⁸ surgido no século XX. Mas, particularmente na Cartagena setecentista, foi notório o número de casas nas quais viviam várias famílias, chegando a compreender 9% dos lares da cidade. Casos como as da família Mendoza, que já mencionamos, ocorreram em quase todos os bairros da cidade, especialmente nos grandes casarões localizados nos arredores das praças principais.

As famílias nucleares, em que pese sua importância, eram facilmente rompidas. A morte de um dos cônjuges atingiu a 17% das famílias de Cartagena, embora a viuvez tenha sido fenômeno predominantemente feminino: para cada viúvo havia cinco viúvas. Isto se explica principalmente pelas diferenças de idade dos esposos ao contraírem núpcias, homens maduros ou velhos com moças jovens. Menos de 30% dos maridos eram entre dez e 35 anos mais velhos que suas esposas e 30% o eram entre seis e dez anos. Por outro lado, também era maior a dificuldade de as viúvas contraírem segundas núpcias, em relação aos viúvos, especialmente quando as viúvas eram mulheres pobres e carregadas de filhos. Pouco interesse deviam ter os homens em contrair matrimônio quando a possibilidade de um dote era escassa, o que não impediu a tais mulheres de manterem uniões consensuais, passageiras ou duradouras.

O censo dos bairros de Cartagena também informa sobre o número de mães solteiras ou de chefes de família mulheres. Em Cartagena, havia 311 mães solteiras que constituíam 20% de todas as mães da cidade.⁹ Tais mulheres eram principalmente mulatas, negras e escravas, embora também houvesse umas poucas brancas entre elas. Mais da metade eram mães de um só filho, outro grupo expressivo possuía de dois a três filhos e algumas, ainda que poucas, haviam dado à luz a até nove filhos. Se somarmos as mães solteiras com as viúvas encontraremos um fato inquietante: quase 40% das mães da cidade careciam de cônjuge ou companheiro visível.¹⁰

8. Seria o correspondente aos "cortiços" nas grandes cidades brasileiras do início do século XX.

9. Isto em parte resultava do caráter portuário da cidade. No *Archivo General de la Nación* da cidade do México constatei que o principal delito perseguido pelo Tribunal da Inquisição foi ali a bigamia. Pelo menos sessenta casos do século XVIII se referiam a pessoas que contraíam núpcias numa cidade depois noutra e, inclusive, tomavam a se casar pela terceira vez.

10. Virgínia Gutiérrez indicou muito bem que todas essas mulheres sobreviviam graças à solidariedade e apoio que encontravam em seus parentes e vizinhos: cf. "La familia en Cartagena de Indias". *Boletín Cultural y Bibliográfico*, Bogotá, Banco de la República, v. 24, n.10, 1987.

Este perfil sociofamiliar que vimos de descrever ocorria numa Cartagena que havia cerca de um século e meio era um dos três portos mais importantes do Caribe,¹¹ além de ser a porta de entrada para o interior do continente. Este fato permitiu o acúmulo de riqueza na cidade e o barroquismo em sua vida cotidiana. A então recente criação do vice-reinado de Nova Granada, em 1739, estimulou em Cartagena a exaltação das formas cortesãs até então desconhecidas. Recepções aos vice-reis e suas comitivas, festas de juramento e proclamações atingiram um fausto totalmente ausente nas cidades do interior. Esta particularidade de Cartagena a tornava mais próxima de Havana, por exemplo, do que de Vera Cruz ou Callao.¹²

Uma das mercadorias mais apreciadas que deixavam os galeões em suas praias eram os escravos africanos. Muitos deles eram adquiridos por representantes de mineradores ou fazendeiros – os *hacendados* – do interior do vice-reinado, mas boa parte ficava na própria cidade, seja porque não logravam ser vendidos para o interior, seja porque despertavam o interesse nos vizinhos da cidade. Ao reter parte desses escravos, Cartagena foi adquirindo um indiscutível perfil racial negro e mulato. Os viajantes que chegavam na cidade durante o século XVIII se mostravam verdadeiramente assombrados com esta particularidade de Cartagena. Segundo o mapa populacional de 1777 que temos analisado, 63% da população urbana era mulata, 15% escrava, 6% negra, 15% branca e 1% peninsular. Somados os índices dos três primeiros grupos, tem-se que 84% da população urbana possuía ascendência africana imediata ou próxima. Esta característica social de Cartagena se fazia mais nítida em Getsamaní, o bairro de gente mais pobre da cidade. Ali os brancos e peninsulares representavam somente 2% do total de moradores. Em compensação, em Nossa Senhora das Mercês, bairro de burocratas, comerciantes e grandes proprietários de terra, a situação era um pouco distinta, os brancos atingindo 22% da população.

Mas a população mulata, negra e escrava de Cartagena não estava reduzida a alguns bairros da cidade, pois ainda nos que apresentavam forte incidência de moradores brancos, a presença cotidiana de negros e mulatos era forte. Isto se devia a que possuir uma corte numerosa de escravos para o serviço da casa indicava êxito e prosperidade e era uma das formas de exaltar o *status* pessoal e familiar. Em todo o Caribe, era uma autêntica obrigação para homens e mulheres nobres andar com escravos de companhia. Frei Juan de Santa Gertrudes, observador aguto, comentou que os luxos das senhoras de Cartagena consistiam em duas coisas: a primeira era que, quando saía uma senhora, seguissem-na, uma atrás da outra, todas as escravas que tivesse, e a segunda era que, para mandar algum recado ou presentinho, a escrava disso encarregada devia sair engalanada com muita gargantilha, brincos e colares de ouro, braceletes de pérolas, e o presente embrulhado em pano mui rico, bordado em seda de várias cores.¹³ Relatos de Caracas do século XVIII comentam, no mesmo sentido, que

11. Os outros dois eram Vera Cruz, no golfo do México, e Havana, na Capitania Geral de Cuba, ambos igualmente importantes no ir-e-vir de mercadorias entre Espanha e América, sem falar em Porto Belo, no istmo panamenho que, junto com Vera Cruz e Cartagena, foram durante quase trezentos anos os únicos portos autorizados a receber as mercadorias da *carrera* espanhola das Índias. (Nota do tradutor).

12. Vera Cruz, no golfo do México, e El Callao, na costa peruana, desempenhavam função portuária similar à de Cartagena no império hispano-americano (Nota do tradutor).

13. Cf. Frey Juan de Santa Gertudris, *Maravillas de la naturaleza*, Santafé de Bogotá, Biblioteca V Centenario de Viajeros por Colombia, tomo I, 1994, pp. 65-67.

“os verdadeiros ricos levam quatro ou cinco escravos, e se uma pessoa da casa vai a outra igreja, leva igual número de escravos”.¹⁴

Nos quatro bairros de Cartagena aqui analisados, havia 1.671 escravos que constituíam 15% da população e viviam em 331 fogos dos 2.300 da cidade. Ainda que se possa pensar que os escravos eram monopólio das famílias brancas, o fato é que as famílias mulatas eram detentoras de 33% dos escravos e famílias de negros possuíam 2% dos escravos da cidade. Se para a nobreza branca a posse de escravos podia significar serviço e ostentação de *status*, para os mulatos e negros adquirir escravos representava um investimento, pois havia pessoas que ofereciam serviços e muitas vezes uma renda monetária pelo aluguel dessa mão-de-obra.¹⁵ Mas convém não esquecer que a posse de mais de cinco escravos de serviço doméstico, inclusive de grupos de vinte a trinta, era privativo das famílias mais abastadas, enquanto que os brancos de condição modesta, os mulatos e os negros possuíam somente um ou dois escravos. Certamente por causa dos serviços que desempenhavam em casa, 60% dos escravos de Cartagena eram mulheres. Os escravos da casa não possuíam uma estrutura familiar facilmente reconhecível. Em certas situações havia um núcleo familiar composto pelo pai, mãe e filhos, mas frequentemente o que se percebe é a presença de grupos de mulheres de distintas idades e estado, muitas delas com filhos. O que parece absolutamente claro é que as dimensões da escravidão urbana em Cartagena desempenhava um indiscutível papel no âmbito doméstico e tinha forte incidência na vida familiar.

Por outro lado, Cartagena de Indias era a cidade com ar mais cosmopolita do vice-reino de Nova Granada. Sua importância portuária se refletia na variedade de mercadorias que nela chegavam e na multiplicidade de ofícios que nela existiam. As atividades marítimas ocupavam boa parte da população masculina, havendo capitães, tenentes, subtenentes, secretários e distintos oficiais de marinha, sem falar nos marinheiros, que executavam múltiplas tarefas nas embarcações. Em terra ficavam os que administravam a contabilidade e o pessoal que encaixotava as mercadorias. Outros se ocupavam em reparar as embarcações e eram conhecidos como calafates, armadores e carpinteiros do porto. E também havia os canoeiros e pescadores que abasteciam os mercados.

Os ofícios da cidade eram extremamente variados. Os mais frequentes eram os de carpintaria, sapataria, alfaiataria, alvenaria, ourivesaria, ferraria, serraria, tornearia, fundição, pintura de edificações, além daqueles desempenhados nas tavernas e açougues. A estes seguiam os que se ocupavam das letras, do saber e do espírito: clérigos, cônegos, presbíteros, capelães, advogados, sacristães, juízes, abades e abadessas, freiras, escritvãs, notários, mestres de escola, impressores e vendedores de livros. Outros se ocupavam da medicina, eram boticários e cirurgiões. Havia também os que se dedicavam a atividades artísticas: músicos, pintores, gravadores; os que faziam bonecos, figuras de plumas, fogos de artifício e pipas para soltar ao vento. Ofícios mais novos e chamativos eram os de relojoeiro e de fabricante de piteiras para fumar. Em cada bairro havia, além disso, uma ou várias pessoas dedicadas a cuidar de

14. Apud Wilmer Gonzalez. “La esclavitud doméstica al servicio del prestigio social en valle de Caracas”, *Tiempo y espacio*, Caracas, vol. 8, n.15, 1994.

15. Eram os que, nas cidades luso-brasileiras, se chamavam de “escravos de ganho” ou “ao ganho” (Nota do tradutor).

ções. Os padeiros, confeitadores, barbeiros e cabeleiros constituíam grêmios, mas entre eles havia uma distinção, a saber: eram artesãos brancos e de qualidade.¹⁶

O censo dos bairros de Cartagena não registra os ofícios das mulheres, que só excepcionalmente aparecem como vendedoras de cigarros ou charutos e taverneiras. Os ofícios domésticos das que se dedicavam a cozinhar, lavar, passar, bordar, tecer, em casa ou no domicílio do cliente, parecem não ter apresentado significado especial para os comissários encarregados do recenseamento. Por alusões eventuais de cronistas e viajantes sabemos que, já no século XVIII, muitas mulheres, especialmente mulatas, se ocupavam em vender coisas na rua. Vendedoras de frutas, peixe frito e doces mercadejavam por conta própria ou a serviço de seus amos. No entanto, as mulheres da cidade de Cartagena de Indias não tiveram um papel na produção manufatureira similar ao das fiandeiras e tecelãs de Tunja ou Santafé de Bogotá, duas das cidades mais importantes de Nova Granada, onde grupos de quarenta ou cinquenta mulheres trabalhavam para um mesmo patrão.

À diferença de nossos dias, no século XVIII os ofícios eram realizados em casa e se vinculavam à família. Com exceção dos marinheiros e dos hortelãos, os artesãos trabalhavam em casa e estavam a par de cada um dos episódios do lar. Também estes ofícios criavam linhagem, pois normalmente o primogênito seguia a profissão de seu pai e herdava seus instrumentos, técnica, clientela e bom nome. Muitas vezes meninos e os sobrinhos de mestres artesãos eram entregues pelos pais a determinado artesão para que aprendessem um ofício. Meninos de oito e dez anos aparecem no mapa populacional com o ofício de pedreiro, alfaiate ou padeiro.

As famílias de Cartagena possuíam ainda certas particularidades que merecem comentário. Uma delas é seu padrão altamente endogâmico, ou seja, as crianças comumente nasciam de uniões no mesmo grupo étnico. Pelo menos 80% dos matrimônios de peninsulares, brancos, mulatos e negros se realizavam com iguais. Não obstante, vale a pena indicar que a endogamia matrimonial de Cartagena era menor do que a registrada nas cidades do interior de Nova Granada. A escassa parcela de uniões exogâmicas verificadas na cidade ocorria entre os mestiços, mulatos e negros. Mas não deixa de ser notável o registro de certa exogamia entre peninsulares e brancos, pois são conhecidos os matrimônios de alguns brancos e *criollos* com mulatas e negras dos bairros de São Toribio e Getsemaní. Tratava-se quase sempre de jovens que chegavam na cidade e se uniam com mulatas empreendedoras. A mobilidade populacional e social parecia suavizar, nesses casos, os preconceitos raciais prevalentes entre as elites. Mas é certo que também aqui a mestiçagem foi antes produto da união consensual do que do matrimônio católico.

A vida social em Cartagena de Indias era intensa e ruidosa. O burburinho e o colorido dos mercados matinais se prolongavam noite a dentro. Segundo o relato do bispo Joseph Diaz, todas as noites nas ruas, pátios particulares e mesmo fora da cidade, se formavam fandangos onde negros e mulatos bailavam uma dança lasciva chamada “bunde”.¹⁷ Para o bispo Diaz, os “bundes” eram muito distintos dos bailes da

16. Ofícios não nomeados nesses documentos e que existiam em cidades como Lima, México, Havana e Cartagena eram os de saltimbancos, acrobatas, curandeiros, adivinhos e quiromânticos. Perseguidos pelo Tribunal da Inquisição um século, esta gente aparecia agora nos dias de festa. Outros eram as prostitutas e, mais esquecidos, mas muito presentes, eram os que no burburinho dos mercados eram chamados de *mariquitas*, os que à noite se travestiam.

17. Fandango era uma dança espanhola típica, incluindo cantos e sapateados. No mundo hispano-americano, chamou-se-a “bundes” (palavra de origem banto), algo próximo, pelas características do baile, aos batuques luso-brasileiros (Nota do tradutor).

Galícia, pois neles a gente do povo se reunia em grupos que bailavam ao mesmo tempo, sem haver separação de sexos. Homens e mulheres se misturavam na dança, alguns tocavam tambores, outros dançavam, outros cantavam versos eróticos, enquanto moviam seus corpos de forma indecente. Os fandangos eram animados com grandes doses de cachaça e *chicha*,¹⁸ espécie de aguardente de destilação caseira. Para muitos, os fandangos de Cartagena existiam por causa da pouca atenção que os amos prestavam em seus escravos e pela criminosa exigência que lhes impunham para conseguir um ganho diário, sem importar a forma ou lugar.¹⁹ Na prática, os amos estimulavam suas escravas negras e mulatas à prostituição e a uma indignação que não passou despercebida dos cronistas setecentistas de Cartagena.

Conclusão

Do que vimos até aqui, concluímos que a vida familiar em Cartagena possuiu traços próprios que nasceram de seu caráter portuário e escravista. Mobilidade elevada da população, oscilação de economias e oferta abundante de escravos incidiram nas formas de moradia, nas modalidades familiares e na sua relativa flexibilidade exogâmica. É muito provável, também, que estes fatores tenham determinado o tamanho das famílias, reduzindo o número de filhos e favorecendo a união consensual. A fonte principal deste estudo, os mapas de população dos bairros, são uma espécie de retrato instantâneo da vida urbana na Cartagena setecentista. Indicam realidades que se podem analisar com algum fundamento. Não obstante, as mudanças e transformações profundas na vida familiar de Cartagena só poderão ser verdadeiramente aprofundadas se formularmos novas perguntas, incorporarmos novos métodos e integrarmos novos dados à análise.

[Recebido para publicação em maio de 1998]

18. A cachaça era chamada de “guarapo” em Cartagena, feita à base de cana-de-açúcar, como no Brasil. A *chicha* era bebida típica da região andina, pelo visto consumida no litoral caribenho da Colômbia, espécie de cerveja feita à base da fermentação do milho e outras raízes. (Nota do tradutor).

19. *Carta do Bispo Joseph Díaz ao Rei*, Archivo General de Indias, Santa Fé, 1004.